

# EDUCAR EM VALORES NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE

## EDUCATING IN VALUES AT UNIVERSITY: A CASE STUDY AT THE CATHOLIC UNIVERSITY OF MOZAMBIQUE

**Anna Fontana**

Universidade Católica de Moçambique  
[anna.fontana@ucm.ac.mz](mailto:anna.fontana@ucm.ac.mz)

**Crisália Maria Pascoal Sabonete**

Universidade Católica de Moçambique  
[crisalia.pascoal@gmail.com](mailto:crisalia.pascoal@gmail.com)

**Luis Alberto**

Universidade Católica de Moçambique  
[lamatimbi@yahoo.it](mailto:lamatimbi@yahoo.it)

### Resumo

Este trabalho decorre de um estudo na Universidade Católica de Moçambique, que visa educar os jovens aos valores da justiça e paz, à luz da Doutrina Social da Igreja. O estudo tem como objectivo compreender o sentido que os recém-graduados atribuem ao seu percurso formativo, no quadro do referente ético e valorativo da instituição, tendo como referente interpretativo o papel que desempenha a pastoral universitária. Perante o objecto de estudo em foco, a metodologia é centrada na aproximação aos significados e opta por realizar um estudo na modalidade de estudo de casos múltiplos, de natureza qualitativa. Os sujeitos da pesquisa são jovens profissionais, recém-graduados, e agentes de pastoral. As técnicas de recolha de dados foram a entrevista narrativa e semi-estruturada, e a análise documental. Os resultados revelaram que, na generalidade, os jovens aprenderam os valores na vivência universitária e melhoraram a própria postura num processo de reflexão-acção. A assunção de novas ou renovadas atitudes se reflecte positivamente nas responsabilidades sociais futuras. O estudo demonstrou haver uma certa associação entre o referente ético e valorativo da UCM e a experiência educativa. Porém, necessita que a identidade institucional seja assumida com mais clareza por parte de toda a comunidade académica.

**Palavras-chave:** educação, valores, jovens, universidade, pastoral universitária

### Abstract

This work stems from a study case at the Catholic University of Mozambique. It aims to educate young people to the values of justice and peace, in the light of the Social teaching of the Church. The study aims to understand the meaning that the recent graduates attribute to their academic journey in the ethical and value frame of the institution, thorough the role of the university ministry as the interpretative reference. According to the subject of study, the methodology is centered on approach to meanings and chooses to conduct a multiple case study, qualitative in nature. The subjects of the research are young professionals, recent graduates, and pastoral agents. Data collection techniques were the narrative and semi-structured interview,

and documentary analysis. The results revealed that, in general, young people learnt the values through the university experience and improved their postures in a process of reflection-action. The assumption of new or renewed attitudes is reflected positively in the future social responsibilities. The study showed that there is a certain association between the ethical and value frame of UCM and the educational experience. However, the institutional identity needs to be assumed with more clarity by the entire academic community.

**Keywords:** education, values, young people, university, pastoral ministry

## Introdução

Este artigo aborda a importância da educação aos valores. O estudo enquadra-se no amplo projecto a nível continental: “Educar as jovens gerações para a justiça e a paz, formando-as à luz da Doutrina Social da Igreja” promovido pela Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC), e o seu Centro de Coordenação de Pesquisa (CCP). Envolve, no total, cinco Universidades Africanas espalhadas no continente cujos países têm sofrido crises políticas e civis nos últimos anos, entre as quais a Universidade Católica de Moçambique (UCM).

Sucintamente, o estudo baseia-se na importância de educar os jovens, em particular no que diz respeito à justiça e a paz, para que estes potenciais agentes de transformação da sociedade possam responder pronta e positivamente aos grandes desafios que o continente Africano enfrenta, assim como o Moçambique. O ensinamento social da Igreja Católica oferece orientações para que os homens e as mulheres da África, portadores de valores humanos e evangélicos, se tornem obreiros de esperança, levantando o continente Africano, rumo ao futuro de maior paz e justiça.

## A Universidade Católica de Moçambique

A Conferência Episcopal de Moçambique (CEM) fundou a UCM alguns anos após o Acordo Geral de Paz do Moçambique. Desde a sua fundação, em 1996, o objectivo fundamental da sua obra educativa e formativa é de promover a paz e preparar quadros competentes em diversas áreas para implementar o processo de paz no país, ferido pelas divisões, desigualdades sociais e pela exploração sem limites.

É nesse âmbito que a UCM, consciente da sua missão de educar entendida como coordenação “de acções, de conhecimentos técnicos e valores orientados para a inserção da Pessoa Humana na sociedade em que vive” (CEM, 2011)) o faz com determinação, sem descuidar dos valores, nomeadamente da paz, da justiça e da reconciliação.

Segundo o Plano Estratégico da UCM, 2012-2016 a missão da UCM é “desenvolver e difundir o conhecimento científico e cultural, promover nos vários domínios do saber a formação integral de qualidade permanente de cidadãos e profissionais, comprometidos com a vida e com o desenvolvimento sustentável da sociedade bem como do mundo em geral” (p. 7). Portanto, a UCM oferece uma educação humana integral, que inclui a educação em valores: um grande contributo não só pessoal, mas sobretudo social, para fomentar um mundo mais humano, solidário e que cuida do bem comum.

## Educação

A nova era a que teríamos chegado é a da sociedade pós-moderna e pós-moralista ou também denominada 'era do vazio', onde a estrutura familiar está a decompor-se num ritmo acelerado, o alerta sobre o desequilíbrio ecológico torna-se cada vez mais crescente e a tecnologia é em mudança constante. Apesar do novo cenário em que a humanidade parece navegar à deriva, as grandes temáticas da ética, nomeadamente “direitos humanos, justiça social, equilíbrio entre cooperação pacífica e auto-afirmação pessoal, sincronização da conduta individual e do bem-estar coletivo – não perderam em nada a sua atualidade. Apenas precisam ser vistos e tratados de maneira nova” (Bauman, 1997, p. 8).

São as agências educativas, entre as quais a universidade, que constituem num espaço a reflectir e reproduzir a sociedade em que se inserem. É necessário, portanto, que a educação se constitua em uma acção ética para que se construa um homem novo e uma realidade mais humana para todos. Trilhar novas maneiras para criar uma consciência moral se realiza na conscientização das pessoas (Freire, 1985), em particular das futuras gerações a respeito da necessidade de transformações sociais e individuais que requerem a assunção dum compromisso ético e visem uma organização social mais digna, justa e equitativa. Nesta perspectiva, a educação, e em particular a educação ética e moral, ocupa um lugar de destaque porque pretende dar uma orientação e um sentido ao ser humano como um todo e, de certo modo, perpassa transversalmente todas as dimensões da formação humana.

Formar um ser humano capaz de lidar com o meio e com os outros é tarefa eminente da educação, compreendida como um modo de práxis social que promova a assunção de convicções e práticas comprometidas com a superação da desumanidade e barbárie que marcam a sociedade contemporânea. Uma educação fundada na esperança de um mundo melhor para todos.

A educação se constitui, então, em um espaço de excelência para que a pessoa, na sua singularidade jamais acabada e aberta à transcendência, construa sua própria perspectiva valorativa, num ambiente de liberdade. A educação à liberdade (Freire, 2003) faz da pessoa um sujeito moral com capacidade de refletir sobre o processo de aprendizagem e a capacidade de dar a este processo a orientação que deseja. De certo modo, a educação é uma adaptação ao meio, mas “não busca uma adaptação fixa, e sim uma adaptação sempre inacabada: uma adaptação otimizante, crítica e evolutiva” (Puig, 1998, p. 24).

As decisões de como desejamos viver, as atitudes a tomar ante os conflitos vitais, a relação a criar com o meio e com os outros, demonstram a condição humana. É o jogo entre a determinação e a possibilidade de decidir a respeito da orientação que se quer dar à vida. Disso é possível extrair uma elucidação do que é educação em valores: a busca de um caminho pessoal para uma vida consciente, livre e responsável. O ambiente educativo, assim como os educadores, tem influência para que um sujeito se torne consciente e autónomo, capaz de decidir que atitudes tomar que, na busca da felicidade, preservem tanto interesses individuais quanto sociais.

A educação em valores é um processo de construção sócio-cultural da personalidade ou do sujeito moral, tomando em consideração que o valor não é algo estático que possa ser conhecido. O valor é um processo: depende das experiências e do processo de amadurecimento das pessoas. Portanto,

no processo educativo, isso significa que o papel da educação é estimular os jovens a assumir o próprio processo de valoração, mais do que persuadi-los a aceitar um conjunto predeterminado de valores.

Se o protagonista do processo de atitudes e decisões é, antes de tudo, o sujeito individual e autónomo, é preciso acrescentar que esse sujeito não existe, não pensa, nem age sozinho. A pessoa é um ser social relacional e por sua própria condição humana vive e age em situação social. Sua linguagem, sua forma de pensar, de sentir e de julgar são fruto da história de suas relações com a natureza e com as outras pessoas. É no contexto da convivência que se abrem para a pessoa todas as possibilidades, mas, também, se impõem os limites e as normas.

Nesta vertente, aprimorar o ambiente educativo e os valores vivenciados permite, em última instância, alcançar o ideal humano, isto é, a imagem do que e do como o ser humano deve ser, decidindo, assim, sobre os conteúdos da educação e suas formas de transmissão. A eminente dignidade da pessoa humana permite criar a síntese entre a individualidade, sem cair no individualismo, e a promoção duma sociedade solidária, sem cair no colectivismo. Esta valorização balança os factores de despersonalização derivados do avanço científico-tecnológico da sociedade, e a promoção do respeito da pessoa humana. Klein (2006) enfatiza que o respeito, e em particular o auto-respeito, é o valor mais apreciado nas relações interpessoais. É reconhecido, também, como um dos valores fundamentais da cultura Africana, base do relacionamento entre as pessoas.

Aprender a viver juntos, um dos quatros pilares da educação que Delors aborda (2004), representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. Conceber uma educação capaz de evitar os conflitos ou de resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade é uma grande tarefa para este novo milénio. O clima geral de concorrência que caracteriza a actualidade, a actividade económica no país e, sobretudo, no contexto internacional, tem tendência a dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual, o que faz com que esta competição resulte numa guerra económica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres, dividindo as nações e alimentando as rivalidades.

A Universidade, como um espaço de ciência, permite não só aprofundar o conhecimento através do estudo e da investigação, mas, a viver com os outros, a aprimorar experiências de partilha democráticas, de participação da vida colectiva. O reforço de valores humanos como: respeito, honestidade, solidariedade, justiça, amor, não-violência, humildade, gratidão e responsabilidade contribuem positivamente para a formação integral dos jovens no meio académico e, posteriormente, como profissionais e cidadãos conscientes, responsáveis e, acima de tudo, felizes. A universidade torna-se, assim, um lugar privilegiado, principalmente para a concretização do ideal de humanidade construído em torno desses valores (Batista, 2005).

## Opção metodológica

Partindo da problemática escolhida, optou-se por realizar um estudo na modalidade de estudo de casos múltiplos (Stake, 2007). Este tipo de método de estudo, de natureza qualitativa ou interpretativa, enquadra-se no propósito do nosso objecto de estudo, isto é, procura dar conta da complexidade da problemática em estudo, considerando que o nosso enfoque se centra no modo como alguns dos recém-graduados pela UCM, procuram, neste estudo, dar conta do seu sentido

auto-formativo no quadro das suas trajectórias profissionais, tendo em conta as experiências formativas no contexto da formação universitária, mormente no que concerne a formação no âmbito da pastoral universitária. Por conseguinte, trata-se de, a partir de uma metodologia centrada na aproximação aos significados, compreender o sentido que um grupo de jovens profissionais atribui ao seu percurso formativo, no quadro do referente ético e valorativo da UCM. Sendo que a pastoral universitária tem como propósito proporcionar uma experiência espiritual e cristã, interessa-nos, do ponto de vista deste estudo, compreender e interpretar o sentido de que se reveste esta experiência auto-formativa.

O facto de serem vários casos permitiu-nos estabelecer uma leitura comparativa entre os mesmos e facilitou o processo de generalização dos resultados obtidos, não em termos estatísticos (universo/amostra), mas em termos de “representatividade social” (Guerra, 2006). Neste caso, a relevância do estudo, em termos de produção de resultados, focaliza-se, essencialmente, num contexto difícil de apreender enquanto fenómeno de estudo: o sentido de que se revestem as práticas auto-formativas dos estudantes, tendo como referente ético e axiológico a proposta formativa da pastoral universitária da UCM.

### ***Instrumentos e técnicas de recolha e análise de dados***

Perante o objecto de estudo em foco, os instrumentos que melhor se ajustaram para recolher e analisar os dados foram os seguintes: (a) análise documental e (b) entrevistas de “tipo narrativo” aos jovens recém-graduados e semi-estruturada aos responsáveis da pastoral.

Considerando que a pastoral universitária constitui, na UCM, o “terreno” privilegiado para proporcionar uma experiência espiritual e cristã, importou-nos perceber como é que esta actividade se encontra planificada em cada Unidade Básica (UB). Neste caso, a técnica de análise documental tornou-se necessária (Flick, 2005), de modo a analisar a missão e as actividades que se dinamizam neste contexto, bem como ter acesso as evidências desta dinamização.

Relativamente à técnica de entrevista, na modalidade narrativa, (Flick, 2005), esta constituiu o instrumento principal da nossa investigação, uma vez que procuramos compreender o sentido de que se revestem as práticas auto-formativas de um grupo de recém-graduados, tendo como referente interpretativo o papel que desempenha a pastoral universitária da UCM. Além da narrativa, a entrevista semi-estruturada, constituída por um roteiro pré-concebido, foi uma das técnicas de aprendizagem dos pensamentos, conhecimentos, representações, acções e argumentações dos sujeitos de investigação (Severino, 2002).

O uso da entrevista foi a opção escolhida como um instrumento científico dinâmico, flexível e criativo capaz de fornecer maior contribuição diante dos objectivos a serem alcançados. A narração ofereceu um amplo espaço de expressão para compreender o sentido que os jovens profissionais atribuíram ao seu percurso formativo, no quadro do referente ético e valorativo da UCM.

Além dos recém-graduados, foram entrevistados os agentes da pastoral. Foi subministrado o inquérito por entrevista semi-estruturada a partir de um roteiro preestabelecido que permitiu uma organização flexível e uma expansão das perguntas à medida que as informações vinham sendo fornecidas pela pessoa entrevistada.

Nas entrevistas criou-se uma atmosfera cordial e de confiança que ofereceu aos vários intervenientes a possibilidade de partilhar a própria experiência com liberdade. O propósito da entrevista, como um meio cujo fim é o relacionamento humano, é aprender algo a partir da experiência das pessoas e dos significados que elas atribuem para essas experiências.

O recurso ao gravador foi intencional para não perder nada do conteúdo original dos detentores de informação privilegiada e auferir a vantagem da maior preservação dos dados colectados.

Procedeu-se à codificação das entrevistas orais em áudio e à transcrição para o formato digital. Depois da leitura flutuante de todo o material transcrito explorou-se em detalhe dando seguimento à análise de conteúdo. Interpretou-se os extractos das pessoas entrevistadas, com o objectivo de perceber como é que os agentes da pastoral e os recém-graduados percebem os sentidos que procuramos inferir, mediante a organização em categorias e subcategorias que tenham semelhança quanto ao critério sintáctico ou semântico. Contudo, na medida em que a análise se desenvolveu, encontramos outras subcategorias que, neste estudo explorativo, se revelaram significativas e finalizadas ao objecto da pesquisa.

Fizemos "leituras" da fala dos sujeitos ao longo da entrevista, detendo-nos ora numa análise mais imediata do conteúdo exposto, ora nas teias de relações que se evidenciaram. A partilha dos dados constituiu ao mesmo tempo num enriquecimento e numa maior objectividade na compreensão e interpretação das informações trazida pela verbalização dos sujeitos.

### ***Participantes***

O nosso estudo, por ser um estudo de casos múltiplos, envolveu as primeiras seis UBs que foram abertas pelas UCM. A razão que sustenta a escolha prende-se com o facto de podermos ter acesso a uma "polifonia de vozes", ainda que não seja o nosso objectivo último generalizar, estatisticamente, os resultados produzidos. Por conseguinte, pretendemos, essencialmente, obter uma "representatividade social" (Guerra, 2006).

Os intervenientes na recolha de dados para os fins do objecto de pesquisa, foram escolhidos tendo em conta alguns critérios previamente definidos: (a) jovens recém-graduados que participaram nas actividades de pastoral universitária em cada UB na UCM e (b) representantes dos agentes de pastoral universitária.

Foram entrevistados vinte e dois participantes, sendo treze recém-graduados e nove agentes da pastoral. Dos recém-graduados seis são homens e sete mulheres; são jovens profissionais de diversas áreas que, além de ter frequentados os cursos na UCM, se envolveram nas actividades da pastoral, integrando, assim, seu processo formativo, académico e humano.

A selecção dos entrevistados foi feita de forma a ampliar a compreensão do tema e explorar as diversas representações sobre o objecto de estudo de acordo com a finalidade. Tratou-se de perceber como os jovens formados em diferentes áreas profissionais constroem conhecimento e procuram dar sentido ao mundo que os cerca, a partir da trajectória educativa vivenciada na UCM, evidenciando os valores aprendidos.

## Valores vivenciados

Os recém-graduados foram unânimes ao afirmar que a missão da UCM é dar uma formação integral aos jovens para que possam servir a sociedade: *“uma formação integral do homem em que eu estava sendo preparado para também servir a sociedade”* (RG7). Esta formação faz-se apostando na transmissão de princípios e valores morais, além de vivenciar valores cristãos: *“a UCM é aquela que se identificava com a minha realidade de princípios cristãos... uma universidade com princípios cristãos... formar líderes”* (RG 7).

A dignidade da pessoa humana e, acima de tudo, o respeito são como o pano de fundo onde emergem outros valores adquiridos, ou melhor, aprendidos, ao longo da trajetória formativa e auto-formativa na UCM. Os sujeitos da investigação, ou seja, os jovens contam que esses valores que caracterizam a universidade católica fazem parte duma educação mais abrangente que inicia já na família, mas se reforçam e, as vezes, purificam no percurso acadêmico e, mormente, na pastoral universitária. Trata-se, não somente de conhecimento dos valores, entre os quais o valor da pessoa humana, o respeito, a boa convivência, a solidariedade, a honestidade, mas, primariamente, duma vivência que favorece uma progressiva adesão pessoal aos mesmos. Essa adesão influencia os pensamentos, as atitudes e as ações dos jovens que aprimoram uma consciência cada vez mais sensível e que assumem, futuramente, responsabilidades nas diferentes áreas: familiar, profissional e social.

O valor peculiar da pessoa humana, assim como a sua dignidade, é um pilar que sustenta a formação integral e torna-se critério de escolha nas diferentes circunstâncias que os jovens enfrentam: *“a pastoral universitária me ensinou a se valorizar primeiro como pessoa. Eu tenho que me valorizar. Se eu não me der valor quem vai me dar valor, o dinheiro? ... prefiro deixar de receber, mas ficar com a minha dignidade”* (RG 9). Assim, a dignidade humana torna-se um valor fundamental para discernir o que vale a pena manter e o que é melhor deixar. Marca-se, assim, uma hierarquia de valores que influenciam a tomada de grandes decisões que, muitas vezes, norteiam a vida toda. Entre os valores a salvaguardar é o valor da vida: *“temos que valorizar a vida... - perante - o problema do aborto”* (RG 2).

O respeito é o valor mais sublinhado e vivenciado pelos jovens no espaço acadêmico, que se caracteriza, primariamente, como aprendizagem de vida: *“há coisas... que a gente apreende com a vida e eu apreendi como... respeitar as pessoas”* (RG 8). O respeito entre as pessoas *“é para sabermos nos relacionar; e para que as pessoas consigam conviver juntos, estarem juntos no mesmo sítio, é necessário que haja um pouco de consideração”* (RG 4). A apreciação dos outros, além da própria auto-estima, considera-se fundamental para estabelecer um bom relacionamento que exige hospitalidade, abertura e, primariamente, escuta: *“saber dar ouvidos aos colegas e olhar para eles não como inimigos mas como irmãos, como pessoas que eu possa contar com eles sempre que eu tiver alguma dificuldade”* (RG 12). O respeito é o alicerce sobre o qual se assentam diferentes tipos de respeito: *“respeito à vida, respeito à liberdade de expressão e às diferenças, respeito de diferença de religião; então eu acho que é a base de qualquer coisa”* (RG 8).

Os jovens vivenciam o respeito num ambiente universitário, e na pastoral, em particular, caracterizado por *“um encontro de pessoas diferentes”* (RG 13). Neste meio os jovens aprendem como lidar com as pessoas e interagir com elas, de maneira positiva. *“Contribui e ensinou-me bons*

modos, o ser pessoa; ajudou-me a saber me relacionar com diferentes tipos de pessoas de diferentes comportamentos. Ensinou-me, através das actividades que a pastoral promovia” (RG 4). O bom relacionamento é uma prática que se aprimora com o tempo, num processo de amadurecimento de valores e convicções: “o meu comportamento melhorou muito; aprendi a me controlar, aprendi a respeitar os outros, a tolerar até as falhas dos outros” (RG 1).

A interacção com as pessoas diversas do ponto de vista seja individual e étnico, seja social e religioso, requer a aceitação da diferença percebida como algo que enriquece e não ameaça; que aproxima e não separa: “conviver com os outros de outras igrejas diferentes da minha... afinal de conta, todos nós rezamos para o mesmo Deus; todos nós precisamos de nos apoiar acima de tudo” (RG 12). Esta atitude positiva leva a perceber a nossa finitude e a abertura à transcendência que nos une na pertença à mesma humanidade.

Os jovens aprendem a conviver, assim como apoiar os outros, na vivência universitária e, em particular, na pastoral onde “nós apreendemos a sermos mais acolhedores, a levarmos o sofrimento do colega como se fosse nosso; a ajudar o colega como nós gostaríamos que fossemos ajudados quando um dia estivéssemos naquela situação” (RG 12). A “regra de ouro”, simples e eficaz, unida à empatia com as pessoas tornam-se atitudes que levam a prestar atenção aos outros que nos rodeiam, mas abrem, também, o coração às pessoas mais desfavorecidas, criando, assim, uma sensibilidade às problemáticas sociais e ao compromisso pessoal.

São as boas práticas e as experiências de voluntariado que dinamizam uma praxis social promotora de responsabilidade e comprometida com a criação duma humanidade mais solidária e justa. “Nós fazíamos actividades voluntárias: eram actividades sem nenhuma remuneração porque eram actividades no qual nós percebíamos que tínhamos que ajudar a certas pessoas de forma de caridade. Colhíamos muito material, bens, etc. de pessoas que quisessem doar às pessoas desfavorecidas” (RG 7). O valor da gratuidade, contrário à avidez, assim como a solidariedade que contrasta a acumulação, são veiculados através das experiências vivenciadas na trajectória formativa. Elas constituem um terreno fértil onde semear e cultivar convicções e práticas positivas, que formam a personalidade da pessoa e a sua postura ética: “incutiu em mim aquilo que se chama de responsabilidade social, saber ajudar, solidariedade. Sinto que estes são aspectos que em mim, hoje, sou o que sou” (RG 4). Os jovens que assumem esses valores, e os actualizam no tempo, tornam-se a esperança de construir um mundo melhor para todos; uma humanidade mais sensível e solidária, mais justa e pacífica.

A ligação entre o amadurecimento da própria identidade na trajectória formativa e reflexiva e a futura postura ética é uma evidência que emerge das vozes polifónicas dos jovens. Eles destacam a honestidade, entre outros valores. O diferencial da instituição “honesta, justa, onde não há corrupção, onde é clara a imagem da UCM” (RG 2) constitui o espaço educativo que “ajuda a pessoa a ter mais responsabilidade naquilo que quer, naquilo que faz; parecer que não, o estudante depois vai se tornar um bom profissional” (RG 3). Se “a universidade católica não admite que se cabule... eu tenho que estudar, não posso copiar, não posso mandar fazer trabalhos” (RG 3). Portanto, os jovens aprendem a ser pessoas honestas e responsáveis nos próprios compromissos académicos. As práticas educativas repetidas e reforçadas desenvolvem um hábito e formam a consciência. Ela permite reflectir e agir de acordo com o que é bom. Uma consciência crítica se distancia das práticas

negativas, trespassa o âmbito académico e se reflecte no profissional: “a tua consciência te bater, dizer: olha, eu apreendi lá que roubar é mau; então porque é que estou a roubar?” (RG 5).

Além desses valores, que os jovens destacaram grandemente, há outros valores, entre os quais a bondade, a gratidão, a humildade, a igualdade, a fé, a paz, a justiça, o diálogo, o perdão, o sacrifício. Esses valores vivenciados marcaram positivamente a trajetória formativa, além que alguns dos sujeitos da investigação contaram que fizeram experiência de autoritarismo “era autoritária... vinha e perturbava de alguma maneira” (RG 13); desprezo “às vezes desprezam os estudantes: você não sabe nada” (RG 9); discriminação “se queríamos um material que um estudante de quarto ano tinha, não tínhamos o direito de pedir porque éramos mais novo” (RG 9);e até perseguição “ela (docente) está a procurar os meus erros” (RG 11).

## Conclusão

O estudo revelou que a pastoral universitária marca a trajetória formativa dos jovens. Embora não tenha uma visão definida institucionalmente, tem um papel imprescindível na sua aproximação ao mundo juvenil, na sua capacidade de promover conhecimento e de se criarem formas de ser e de agir, conforme os valores inerentes à necessidade de compreender melhor as pessoas e o mundo. Numa época em que a perda de referências e de valores éticos e sociais é uma realidade cada vez mais marcante para as gerações mais novas, realçamos que, segundo nos foi revelado pelos jovens, a aprendizagem dos valores é feita, na sua maioria, por meio de práticas educativas que evidenciam a dignidade da pessoa humana, o respeito ao outro, a compreensão mútua, de ajuda pacífica e de harmonia, saber ouvir, ser tolerante e solidário, entre outros. Este estudo baseou-se sobretudo nas percepções dos jovens, que, por sua vez, assentam nas práticas educativas vivenciadas na forma como a instituição se organiza, na maneira como interagem os diferentes actores no processo educativo e no trabalho pedagógico. Se reportam, também, à missão e estratégias educativas da universidade, que necessita implementá-las numa forma mais orgânica para permitir que a educação em valores se realize em todos os momentos, permeia o curriculum e também todas as interações interpessoais na instituição académica e as relações desta com a sociedade. Constatamos que os professores, na função de educadores dentro e fora da sala, têm que desenvolver capacidades e atitudes comunicativas, de respeito e cooperação que favoreçam a educação em valores, envolvendo a todos na construção duma humanidade mais humana e equitativa. O estudo revelou que “a pastoral não pauta pela violência, pela desigualdade, pela injustiça, então, se envolvermos a todos na pastoral universitária, nas políticas da própria pastoral, estaremos, de certo modo, a fomentar aquilo que é a justiça e a paz” (RG 9).

## Referências bibliográficas

Assmann, H. (2000). *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente* (4ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Batista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.

Bauman, Z. (1997). *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus.

CEM (2011). *Repensar a educação em Moçambique*. Carta pastoral dos bispos católicos. Matola

- Delors, J. (2004). *Educação: um tesouro a descobrir* (9ª ed.). São Paulo: Editora Cortez.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- Freire, P. (1985). *Pedagogia do Oprimido*. (14ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003). *Educação como Prática da Liberdade*. (27ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia.
- Klein, A. M. (2006). *Escola e Democracia: um estudo sobre a representação de alunos e alunas do ensino médio*. Recuperado de: <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/793>.
- Puig, J.M. (1998). *A construção da personalidade moral*. São Paulo: Ática.
- Severino, A. J. (2002). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- Stake, R. (2007). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa: Gulbenkian.
- UCM (2011). *Plano Estratégico da UCM 2012-2016*. Beira.